

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara
CAMÕES, e, VII e 14

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira

Diretor de Redação
Ricardo Noblat

Diretor Comercial
Maurício Dinepi

Diretor Industrial
Osvaldo Abílio Braga

Editor Executivo
José Negreiros

Diretor de Marketing
Márcio Cotrim

Diretor de Planejamento
João Augusto Cabral

Sinais positivos

Avolumam-se os sinais de que há algo de novo, e positivo, nos céus do Brasil — e não são apenas os aviões de carreira. O clima de otimismo, deflagrado pelo Plano Real e pelo triunfo na Copa do Mundo, ganha consistência e começa a produzir reflexos internacionais.

Sinal claro disso é o interesse que o País vem provocando, no mercado secundário de títulos da dívida externa dos países latino-americanos. Até há bem pouco, o interesse maior dos investidores concentrava-se nos títulos da dívida externa argentina.

Hoje, segundo informam especialistas no setor, o Brasil começa a se tornar mais atraente, mobilizando maior número de investidores. O setor financeiro é sempre o sensor mais aguçado da realidade política e do ambiente psicossocial de um país. Quando as coisas vão mal, os indicadores econômicos se apresentam sem demora: reduzem-se investimentos, capitais são repatriados, corre-se para o ouro e o dólar.

A consequência é óbvia: aprofunda-se o quadro recessivo, agrava-se o ambiente de pessimismo, aumenta a desordem econômica e piora a crise social. O Brasil habituou-se, ao longo de mais de uma década, a conviver estreitamente com essa realidade.

No momento, felizmente, vislumbra-se luz no fim do túnel — e não se trata, como na anedota, de uma locomotiva na contramão. Em que pese a circunstância eleitoral, que estabelece, em regra, um hiato no campo dos investimentos, à espera dos resultados, percebe-se oti-

mismo e confiança por parte dos investidores. Tal mérito pode ser creditado, em parte, ao governo, pela coragem de deflagrar, no último ano de seu mandato, um plano de estabilização econômica.

Normalmente, na reta final, os governos costumam cruzar os braços, ligar o piloto automático e transferir o ônus para o sucessor. Desta vez, o quadro é outro: o que se vê é o governo empenhado em cumprir sua missão até o último minuto, cuidando de temas delicados e controversos, como isonomia salarial, recomposição do salário mínimo, racionalização da máquina administrativa etc.

O mérito maior, no entanto, é do próprio povo brasileiro, cujo amadurecimento, temperado pelo convívio prolongado com a crise e a adversidade, tem evitado a repetição de erros e permitido que iniciativas como Plano Real não sejam tragadas pela discórdia eleitoral.

O Censo do IBGE, relativo aos anos 80, mostrou que os sacrifícios do País, sobretudo de sua camada mais humilde, não foram em vão. O País cresceu e depurou-se: reduziu sua taxa de analfabetismo, ampliou o número de lares com saneamento básico, reduziu o índice de natalidade e o êxodo para as grandes cidades.

Há muito ainda por ser feito, sobretudo no campo da educação, cuja participação no orçamento jamais correspondeu à necessidade nacional. Mas o fundamental é que, finalmente, constatou-se que o processo, tantas vezes protelado, está em curso. Diz o ditado que a volta ao mundo começa com um passo. No caso brasileiro, este passo já foi dado.